

Oposição admite que será difícil criar CPI

Governo foi ágil e praticamente conseguiu afastar o risco de abertura de inquérito

CHRISTIANE SAMARCO
e EUGÉNIA LOPES

BRASÍLIA – O governo articulou-se mais uma vez para barrar a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção e a operação com os senadores surtiu tanto efeito que líderes de oposição confessam que é muito baixo o risco de abertura da CPI. Embora o Planalto tenha demorado a agir no Senado, a avaliação mostra que os líderes governistas conseguiram se recuperar. “Desta vez o governo foi ágil

e o risco de CPI está praticamente afastado”, reconheceu um membro da oposição. O PT contabiliza o apoio de 22 senadores e garante que as assinaturas em favor da CPI chega a 25 com os 3 senadores do PPS que se recusaram a tratar do inquérito antes de o Conselho de Ética decidir a sorte dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF). Mas o governo está convencido de que o PFL baiano e o PMDB não vão engrossar esta lista.

O PPS negou-se a assinar o requerimento porque, com o partido, faltariam apenas 2 votos para completar o mínimo de 27 assinaturas exigidas para abrir a CPI. Eles avaliaram que esta conta facilitaria o acordão

entre o governo e ACM, para evitar ao mesmo tempo a investigação e a cassação.

A oposição ainda tem esperanças de que uma condenação de ACM empurre os baianos para a CPI, mas os articuladores do governo apostam que o resultado do julgamento não vai interferir. Empenhado na cassação de ACM, o líder do PT na Câmara, Walter Pinheiro (BA), insistiu ontem que a absolvição dos senadores pode ajudar, provocando a adesão de tucanos e peemedebistas.

Os oposicionistas querem manter um calendário de manifestações, com a ajuda de sindicatos e entidades. O ato final está marcado para 27 de junho, quando esperam repetir “a marcha dos 100 mil”, de 1999.